

O Rádio em Chapecó – SC: um mercado ainda predominado por homens diante da frágil participação feminina¹

Lidiane PAGLIOSA²

Dirceu HERMES³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó- Unochapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Este trabalho reflete sobre os fatores que tornam o rádio um ambiente de ínfima participação feminina, em Chapecó-SC. A pesquisa parte da observação de que as emissoras locais possuem predominância masculina no quadro de comunicadores. Diante deste cenário, viu-se a necessidade de elaborar este estudo para coletar dados e apontamentos dos fatores que geram ausência do público feminino no rádio local. Os resultados desta pesquisa apontam que o contexto do rádio não se apresenta nada favorável para as mulheres, que compõe apenas cinco vagas nos microfones locais, contra 42 ocupadas por homens. Por fim, este trabalho serve como um alerta para implantar alternativas que visem despertar o interesse e a inclusão da voz feminina nas programações radiofônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Comunicação, Voz feminina, Locutora, Jornalista

A VOZ FEMININA NAS ONDAS DO RÁDIO

Para alcançar espaço no rádio, a mulher necessitou ultrapassar limites como o preconceito, o machismo, as condições históricas e culturais. A mulher se inseriu neste meio desde o surgimento da primeira emissora no Brasil, em 1923. Entretanto, a história do rádio revelou que esse campo sempre foi ocupado predominantemente por vozes masculinas. As mulheres estavam condicionadas, primeiramente, a espaços de entretenimento, atuando como cantoras ou atrizes. Nas emissoras, o público feminino surge como uma necessidade de compor uma dupla para apresentação ou para atuar em programas de variedades. Ao longo, dos quase 100 anos de existência do rádio no país, as mulheres seguem como minoria no quadro profissional das emissoras.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduada em Jornalismo pela Unochapecó, e-mail: lidianepagliosa@unochapeco.edu.br.

³ Mestre em Comunicação Social. Professor e pesquisador no curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: hermes@unochapeco.edu.br.

Em seus estudos SCHUSTER e PEDRAZZI (2008, p.1) apontam que, mesmo que o papel da mulher na sociedade tenha se modificado bastante e elas tenham conquistado muitos espaços no mercado de trabalho, antes vistos como exclusivos dos homens: “em algumas áreas elas ainda são minoria e têm tido dificuldade para conquistar o seu lugar ao sol, por exemplo, no meio radiofônico”. Segundo as autoras (2008, p.1) não existe no rádio paridade de espaço entre as vozes femininas e masculinas. Analisam que “basta ligar qualquer aparelho e sintonizar uma emissora qualquer para que se evidencie este fato. Tanto nas rádios de frequência AM quanto nas FM a mulher tem tido uma presença pequena se comparada ao homem”.

MUSTAFÁ (2009, p.69) também discorre nesse sentido e considera que entre as décadas de 1940, 1950 e 1960 foram poucas “as mulheres que trabalhavam e, principalmente, ocupavam espaços definidos como masculinos”. Entre esses espaços, vistos como masculinos, estavam às rádios. RAMOS e BAUMWORCEL (2016) ponderam que o espaço radiofônico apresenta desigualdade entre as vozes feminina e masculina. Elas consideram que, apesar da mulher ter se inserido no meio, a predominância ainda é masculina. Para TAVARES (1999), as mulheres estiveram inseridas na radiodifusão desde a instalação da primeira emissora no Brasil e participaram da história do rádio, no entanto, evidencia que o número de homens locutores foi superior ao de mulheres.

A limitada presença da voz feminina no meio radiofônico pode ser consequência da ideia que a mulher, por muito tempo, considerava-se inferior e incapaz de atuar em áreas tidas como exclusivas do público masculino (POLETTTO e POLETTTO, 2008). As mulheres tiveram papel fundamental no rádio, principalmente, em “programações de entretenimento, educativas, artísticas-culturais, com destaque para as ficcionais como a radionovela e o radioteatro” (MATTOS e ZUCULOTO 2017, p. 4). Já no setor esportivo, segmento que abrange mais vozes masculinas, poucas são as mulheres que conseguiram integrar as equipes da editoria. (GRAMÁTICO, 2002, p.110/111). No Brasil, a maior participação e notabilidade da mulher no jornalismo ocorrem a partir de 1970, com o advento da televisão (ABREU e ROCHA, 2006, p. 10).

A PRESENÇA DA MULHER NO RÁDIO EM CHAPECÓ: MUITA LUTA, POUCO ESPAÇO

Na cidade de Chapecó, localizada no Oeste de Santa Catarina, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a estimativa populacional é de 213.279 habitantes, em 2017. No município, reconhecido por sua potência agroindustrial, atuam seis emissoras de rádio comercial⁴ e uma comunitária (a Rádio Efapi). A emissora pioneira da cidade é a Rádio Chapecó (AM) instalada em 1948, que operou durante 28 anos sem concorrência. A segunda emissora surgiu somente em 1976 – a Rádio Índio Condá (AM), atualmente denominada Super Condá⁵ (AM). Na história do rádio chapecoense, segundo levantamento realizado, passaram pelos microfones das emissoras locais mais de 80 vozes masculina, enquanto as vozes femininas que atuaram no rádio chegam a 22 nomes⁶.

Uma das pioneiras do rádio em Chapecó, conforme estudos de Cristiane ROSSET (2008), foi à jornalista Mariângela Iop de Oliveira., Mariângela, nasceu⁷ dia 23 de maio de 1953, em São Sapé. Ela faleceu em 17 de agosto de 2012, aos 59 anos. Conforme NASCIMENTO (2012), Mariângela foi à primeira mulher formada⁸ em jornalismo que trabalhou como redatora e repórter da Rádio Chapecó. Além da emissora, a jornalista também teve experiências anteriores em outras rádios, como: a Rádio Universidade de Santa Maria e Rádio Imembuí de Santa Maria. Mariângela também foi diretora da Extra Comunicação, Assessora de Comunicação Social da Prefeitura de Chapecó e presidente da Câmara da Mulher Empresária da Acic.

⁴ As emissoras comerciais que atuam em Chapecó são: Rádio Chapecó (AM), Super Condá (AM), Atlântida (FM), Oeste Capital (FM), Sonora (FM) e a Antena 1 que não possui programação local.

⁵ Super Condá pertence ao grupo Condá de Comunicação, que também possuem outras duas emissoras no município, a Rádio Oeste Capital – FM (fundada em 1985) e a Rádio Sonora FM (surgiu em 2013).

⁶ Alenir Turra; Marisa Antonini; Adriana Balbinot; Valdirene; Adriana; Andreia Iarcheski; Cristiane Medeiros; Ana Cheila Machado; Juliana Giongo; Janaina Mônego; Fernanda Marinho; Janes Antunes; Gabriela Guedes; Patricia Fuccina; Divanira dos Santos Cólvero; Elizandra Gomes; Marciane Páz; Silvia Mendes; Mariângela Iop de Oliveira; Marli Tecchio; Cristina Gressele e Camila Silveira. Estes nomes foram levantados a partir de dados e reminiscência de colaboradores que atuaram ou atuam nas emissoras.

⁷ Informações constam no Obituário do Jornal de Santa Catarina, disponível em: <<https://tinyurl.com/y99zcrj5>>. Acesso em: 03/05/2017.

⁸ Mariângela formou-se, em 1977 em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em 1981 graduou-se em Administração pela Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste, em Chapecó.

A jornalista Silvia Mendes, foi outra pioneira na radiodifusão chapecoense. Nascida em 13 de março de 1964, a jornalista faleceu em 12 de fevereiro de 2009, aos 43 anos. Graduada em Letras e Jornalismo na Unochapecó, começou sua carreira na área da comunicação na Rádio Peperi de São Miguel do Oeste - Santa Catarina, como rádio escuta. A jornalista também trabalhou nas emissoras chapecoenses: Super Condá e Rádio Chapecó. Na rádio Super Condá foi sua maior inserção como radialista, trabalhou como repórter, redatora e coordenadora de Jornalismo. Produzia as edições de noticiários e também as reportagens. Porém não apresentava ao vivo os noticiários, havia “âncoras” responsáveis pela apresentação. Teve que driblar as dificuldades estruturais da emissora para dar conta de levar informações precisas aos ouvintes.

No cenário atual, a profissional em atividade há mais tempo é a jornalista Divanira dos Santos Cólvero, conhecida no rádio como Didi Girl. Formada em jornalismo, fez pós-graduação em Linguagens Contemporâneas e Novas Tecnologias pela Unochapecó. Trabalha como comunicadora da Rádio Oeste Capital de Chapecó onde apresenta dois programas diários e um semanal, apresentado aos sábados à noite. Iniciou na radiodifusão em fevereiro de 1986, na Rádio de Nonoai, atual Rádio Clube de Nonoai, ela participou de um concurso e foi escolhida como locutora. Além de Cólvero, outras quatro mulheres⁹ trabalham nas emissoras locais atualmente. A carreira de CÓLVERO na radiodifusão chapecoense teve início em 1987, na Rádio Índio Condá (Super Condá - AM). Na emissora assumiu como locutora após vencer um concurso que escolhia uma voz feminina. CÓLVERO, que atua há 32 anos na radiodifusão, comenta que foi à primeira locutora a realizar programação ao vivo na rádio Oeste Capital.

Neste estudo, a jornalista foi a referência para entender como é a participação das mulheres no rádio chapecoense, sendo que contribuíram também para entender o contexto, as jornalistas: Elizandra Gomes, Juliana Giongo, Marciane Páz Mendes e Marli Tecchio. Em comum, as mulheres jornalistas apresentaram a paixão pelo rádio manifestado já na ocasião em que optaram em cursar jornalismo. Na vida das cinco, o rádio sempre desempenhou um grande papel. Para TECCHIO (2017), foi à chance de ingressar na área de formação, o que mais tarde lhe rendeu um convite para trabalhar como repórter em uma sucursal do Jornal Diário Catarinense.

⁹ Na rádio Chapecó, atua Cassinara Romanoski. Na Super Condá trabalha a jornalista Raquel Lang. Na Sonora FM as jornalistas: Juliana Matielo e Lizandra Lanzini. A Atlântida não possui nenhuma voz feminina na programação local.

Na radiodifusão chapecoense, duas das cinco mulheres trabalharam com programas mais direcionados ao entretenimento. Tanto CÓLVERO quanto GIONGO trabalharam como comunicadoras em emissora FM e não tiveram uma programação voltada exclusivamente para o jornalismo. Contudo, ambas reforçam que buscaram inserir algumas informações nos seus programas. GIONGO observa que no formato FM não eram realizadas produções de reportagens, mas havia a divulgação de informações curtas e objetivas. A jornalista acredita que a questão da mulher direcionar seu trabalho no rádio mais para o entretenimento, pode ser devida uma “questão de identificação, se identificaram com programas mais leves, de entretenimento” (GIONGO, 2017). Porém não descarta que possa ser uma questão cultural também. Contudo, afirma que não considera que realizar jornalismo em um programa de entretenimento ou musical, que geralmente aborda assuntos considerados mais leves, não mereça ser feito com seriedade e comprometimento. De acordo com GIONGO (2017), os conteúdos selecionados eram relacionados às temáticas “musicais, curiosidades de uma forma geral, algum fato curioso que estivesse em alta na mídia”. Também ressalta que eram abordados os temas que a imprensa discutisse no dia.

Em contrapartida, as mulheres que trabalharam nas emissoras AM atuaram mais com programações jornalísticas. Além de apresentar os noticiários das emissoras, saíam a campo coletar informações, redigiam os noticiários e também realizavam reportagens. Segundo as entrevistas, os assuntos tratados nos noticiários das rádios AM eram variados. TECCHIO (2017), por exemplo, lembra que nas três edições de noticiários da Super Condá, ela priorizava “os assuntos locais, de interesse do município e na sequência a nível estadual e nacional em menor proporção”. No período que GOMES atuou no rádio ela conta que, assim como TECCHIO, abordava sobre assuntos gerais, com exceção de temáticas policiais, que tinha um programa específico.

As mulheres tratavam nos noticiários, por exemplo, sobre política e economia, (assuntos considerados sérios). No entanto, em programas de debates a voz feminina não estava inserida no ar, apenas nos bastidores, assim como observa GOMES (2017). Segundo a jornalista, em tempo de eleição, por exemplo, ela auxiliava nos bastidores, mas quem comandava as entrevistas eram os homens. Uma provável explicação para o fato é dada por MUSTAFÁ (2009), que observa em seus estudos que o rádio é um meio formador de opinião, que excluiu a voz feminina, porque a mulher historicamente esteve condicionada ao lar e impedida de opinar. Autores, a exemplo de TAVARES (1999),

abordam que o papel da mulher no rádio era como cantoras, atrizes ou locutoras, portanto, os assuntos considerados mais sérios eram tratados pelos homens.

TECCHIO (2017) considera que no período que trabalhou no rádio, o fato dos homens conduzirem esses programas de debates era devido a pouca participação de mulheres atuando neste meio. Porém, mesmo assim fazia matéria sobre diversos assuntos, inclusive sobre política. No entanto, assim como GOMES, ela nunca foi convidada para participar de programas de debates e discussões veiculados na Super Condá. A entrevistada lembra que na época que atuou em Chapecó, nos programas de debates os convidados e entrevistados eram apenas homens. Sobre esse fato, questiono a jornalista se isso seria consequência do machismo e ela afirma que hoje não mais, mas que naquele tempo provavelmente poderia existir. Apesar do machismo, na opinião dela, não estar explícito naquele período. Segundo TECCHIO, em 1987, ela era a única mulher trabalhando em rádio na cidade. “No período em que trabalhei em Chapecó, era notória a superioridade masculina nos meios de comunicação” (TECCHIO, 2017).

A ausência da mulher do rádio é observada em outras localidades. Na região Norte de Santa Catarina, RUTSATZ (2007), verificou que a presença feminina era escassa em 2007. As emissoras comerciais do norte catarinense empregavam 163 locutores, dos quais 136 eram homens e apenas 27 eram mulheres. Estudo semelhante foi realizado pelas pesquisadoras SCHUSTER e PEDRAZZI (2008) em Frederico Westphalen - RS. Os resultados são ainda mais alarmantes. Segundo as pesquisadoras até 2008, em 40 anos de atuação da emissora “Rádio Luz e Alegria”, nenhuma mulher havia trabalhado na locução na cidade. Além desta emissora, ainda existe a Rádio Comunitária, que é onde haviam atuado as únicas oito locutoras que a cidade já teve. Por isso, as pesquisadoras (2008, p.9) analisam que o rádio “em Frederico Westphalen ainda é um meio dominado pelos homens”, pois na cidade, em 2008, havia apenas uma mulher na locução. Mesmo diante da pouca participação feminina, GIONGO e as demais entrevistadas, apontam que quando atuaram no rádio em Chapecó, não sofreram preconceitos pelo fato de serem mulheres. CÓLVERO (2017) comenta que durante sua atuação no rádio não foi hostilizada por ser mulher, mas às vezes acontecia de não poder gravar um comercial, porque em determinado horário exigia-se vozes graves.

São diversos os fatores através dos quais se podem explicar a ausência da mulher no rádio em Chapecó, sendo que o machismo não pode ser descartado. Assim como a jornada de trabalho, que em determinados momentos fizeram as mulheres pesquisadas

buscar alternativas no mercado, como foi o caso de PÁZ. A entrevistada desempenhava função na Super Condá e era editora do jornal impresso Voz do Oeste, sua carga horária era exaustiva e isso a motivou buscar mudanças. Foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar com assessoria de imprensa na MB Comunicação. Conforme CÓLVERO, a disponibilidade de tempo é um fator que distancia a mulher do rádio. Para a jornalista, têm muitas mulheres que não gostam de trabalhar no fim de semana e o rádio exige essa dedicação nos fins de semana e nos feriados. Ainda segundo ela, outras abriam mão do rádio pela família e optaram em seguir outra profissão.

É o caso de GIONGO, que trabalhou durante 14 anos no rádio e, mesmo apaixonada pela radiodifusão, precisou se afastar dos microfones. Conforme a jornalista foi uma decisão pessoal que a motivou sair do meio radiofônico.

eu engravidei, tinha planejado ter um filho. Então tive minha filha e eu sabia que a rotina, a dinâmica de trabalho no rádio sempre me exigiu uma disponibilidade muito grande, de tempo, de horário, de dedicação. Com um filho eu já não ia dispor de todo aquele tempo que a natureza do trabalho exigia, que era estar disponível a noite, no fim de semana, a qualquer hora. [...] eu não iria conseguir conciliar, pelo menos não naquela rotina, naquela dinâmica de trabalho que eu tinha no momento, aí eu busquei um espaço que eu pudesse continuar trabalhando e tivesse horários regrados. [...] Claro que fica aquela dorzinha no coração porque o rádio é algo muito forte na minha vida e eu fico sempre morrendo de vontade de voltar, de entrar no ar, de exercitar o jornalismo (GIONGO, 2017).

Essa questão também é abordada pelo ex-coordenador da rádio Atlântida FM, Paulo Heck (2017), que atuou quase 17 anos na comunicação e coordenação da emissora. Conforme ele, as mulheres “geralmente largam a profissão por questões familiares - filhos”. Da mesma forma como observado pelas entrevistadas, HECK (2017) também considera que no rádio os horários são volúveis e demandam que os comunicadores estejam disponíveis em diferentes horários. O que para ele, “prejudica a mulher, no caso de mãe, esposa”. (HECK, 2017).

Além disso, as jornalistas CÓLVERO, TECCHIO, GIONGO e GOMES acreditam que são poucas as mulheres que se interessam pela radiodifusão e esta seria outra situação que mantém o rádio um campo mais ocupado por homens. GIONGO (2017) observa que as “pessoas não entram na faculdade de jornalismo pensando em rádio, geralmente elas pensam em outros meios, e aí já diminui o escopo de pessoas que se interessam pela radiodifusão”. TECCHIO também acredita nesta perspectiva e acrescenta que, “a mulher normalmente busca outros campos de trabalho que não seja o

rádio”. Já na visão de CÔLVERO, existem muitas mulheres que só estão em busca do glamour no rádio, do reconhecimento e não fazem o trabalho por amor.

Entre os ex-coordenadores das emissoras: Atlântida (FM) e Sonora (FM), também é unanimidade que a mulher possui pouco interesse por esse meio. HECK e VOGEL¹⁰ acreditam que o interesse masculino pelo rádio é sempre maior e considera que “a mulher não se apaixona como o homem pelo rádio”. Ele analisa que na história do rádio sempre houve um número maior de homens atuando, o que talvez corrobore para que pareça uma profissão mais masculina. Acrescenta que a procura masculina pelo rádio é mais expressiva¹¹ e com isso “a facilidade de encontrar candidatos mais qualificados masculinos é muito maior” (VOGEL, 2017).

Para GOMES (2017), as questões culturais podem ser as causas do desinteresse da mulher pelo rádio. Já GIONGO acredita que o desprendimento da mulher pelo meio radiofônico pode ser ocasionado pela falta de incentivo, tanto da família que não incentivam as mulheres seguirem por esse caminho, como das próprias faculdades, que “não direciona tanto para o rádio” (GIONGO, 2017). Já para TECCHIO (2017), a pouca representatividade da voz feminina e procura da mulher para atuar na radiodifusão no período que ela trabalhou, pode ter como motivação o fato do rádio ser no período “um ambiente onde trabalhavam mais homens. Não havia muita abertura para a mulher”. Desta mesma forma, a jornalista GOMES também analisa que o rádio originou-se com vozes masculinas e essa cultura ainda está presente na região e em Chapecó. Ela ainda acredita que, “talvez os próprios diretores (de rádio) ainda tem um pouquinho a evoluir nesse sentido e priorizar e ter essa presença feminina nos microfones também” (GOMES, 2017). Seguindo o pensamento de GOMES, a jornalista GIONGO (2017) pontua que:

Muitos proprietários de rádio, principalmente aqui na nossa região, ainda preferem o homem mais velho, porque acham que tem mais credibilidade que uma mulher. A mulher tem a voz mais fina, aguda isso pode passar uma sensação de insegurança, do que a voz mais grave. (GIONGO, 2017)

Este fator seria, segundo GIONGO, mais um empecilho que contribui para que a mulher se ausente do rádio. Isso também é observado em outros estudos, como na

¹⁰ Claiton Vogel trabalhou como comunicador em emissoras locais e foi coordenador, de 2013 a 2016, da Rádio Sonora FM.

¹¹ Vogel recebia, como coordenador, em média 10 currículos de homens para um feminino, e isso, segundo ele, comprova que os homens se interessam mais pelo rádio que as mulheres.

pesquisa de SCHUSTER e PEDRAZZI (2008, p.9), em que as locutoras entrevistadas no estudo apontam que muitas “mulheres não gostam de sua voz no microfone” e isso faz com que ela não opte por esse meio. A questão da voz também é levantada nos estudos de RUTSATZ (2007), realizados região norte de Santa Catarina. A pesquisa apontou que 43% dos entrevistados preferiam ouvir homens na locução, enquanto 37% preferiam a locução feita por mulheres. Apesar de haver uma preferência maior do público por vozes masculinas, a pesquisadora acredita não haver tanta disparidade. Silvia Mendes, que atuou na Super Condá, no entanto não se sentia com voz de locutora e mesmo assim não se incomodava, pois conforme seu esposo, Dirceu HERMES (2017), ela preferia os bastidores, em que apurava os fatos e escrevia.

Além desta situação, outro fator que contribui para esse panorama de ausência feminina no rádio, é a questão salarial. GOMES (2017) salienta que não conseguiria manter a família dela com o piso de radialista. Por isso observa que “essa questão financeira no rádio, talvez, peque um pouco” (GOMES, 2017). CÓLVERO (2017) também analisa que a questão salarial pode ter desestimulado a permanência das mulheres no rádio, pois segundo a radialista, muitas das mulheres buscam no rádio salários altos e quando conhecem a realidade desse meio se decepcionam. De acordo com o Sindicato dos Radialistas Profissionais e dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e TV do Estado, o salário base dos radialistas¹² é de R\$1.120,00. Já o piso salarial de jornalista é um pouco melhor, conforme o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC) o piso¹³ é de R\$2.310,00. CÓLVERO considera que uma parcela das mulheres que passaram pelo rádio chapecoense não conhecia a realidade desse meio. “A maioria dessas meninas que passaram [pelo rádio], são sonhadoras, procuravam um bom salário, um futuro promissor. Acredito que seja por isso que ficaram pouco tempo (CÓLVERO, 2017).

Sobre a questão salarial, as entrevistadas apontam que o rádio tem salários menores, em comparação com outros meios de comunicação. Na visão delas, a assessoria, a TV, que foi o destino da maioria após sair do rádio, em termo salarial é mais lucrativa. GOMES (2017) aponta que realmente saiu do rádio porque surgiu uma

¹² Informação disponível no site do Sindicato dos Radialistas Profissionais e dos Trabalhadores em Emp. de Radiodifusão e TV do Estado de SC: <http://sindiradiosc.blogspot.com.br/>, acessado 15 de novembro de 2017.

¹³ Jornalistas aprovam acordo do piso salarial, matéria disponível em: <http://sjsc.org.br/tag/piso-salarial/>, acessado dia 15 de novembro

oportunidade salarial melhor. A jornalista garante que a oportunidade “era temporária, mas era muito melhor” (GOMES, 2017). PÁZ (2017) também garante que o quesito salarial pesou no momento de aceitar um novo desafio. Segundo ela, quando atuou no rádio foi uma honra receber o primeiro salário do piso de jornalista. Porém, garante que “mesmo com o pagamento de horas extras, o salário ficava abaixo em comparação com outros meios de comunicação”. (PÁZ, 2017)

Uma parte das entrevistadas não soube dizer se havia diferença salarial entre homens e mulheres no rádio, visto que nunca refletiram nesse sentido. No caso de PÁZ (2017), ela aponta que por inocência ou ingenuidade nunca perguntou aos colegas sobre isso. Já HECK e VOGEL (2017), ex-coordenadores das rádios Atlântida FM e Sonora FM, garantem que nunca presenciaram diferença salarial entre os homens e mulheres que atuavam nas emissoras. PÁZ observa, no entanto, que os seus colegas da época, todos tinham um programa ou possuíam espaços terceirizados e recebiam comissões dos anúncios ou patrocinadores. Essa é uma das questões que fazem com que os homens consigam salários maiores no rádio, pelo menos é o que constata GOMES (2017). Segundo ela, existia uma diferença salarial entre ela e seus colegas. Contudo explica que o salário maior de seus colegas se justificava pelo fato de acumularem outros programas na emissora. Observa que houve a tentativa de incluí-la nesses programas, mas não deu certo devido a pouca experiência.

Quanto à questão de a mulher possuir espaço nas rádios os ex-coordenadores HECK e VOGEL consideram que a voz feminina esteve presente nas emissoras Atlântida FM e Sonora FM. Contudo, as opiniões de ambos são divergentes no quesito delas ocuparem o mesmo espaço e terem as mesmas oportunidades que os homens nas emissoras. HECK (2017) aponta que a mulher esteve inserida na programação da Rádio Atlântida, mas não tinha o mesmo espaço que os homens, visto que geralmente havia apenas uma mulher no quadro de comunicadores. Já para VOGEL (2017), a mulher, além de estar presente na rádio, sempre teve oportunidades iguais. No entanto, faltavam mulheres interessadas em atuar na área, por isso o quadro era composto, em sua maioria, por vozes masculinas. Do contrário de VOGEL, HECK (2017) considera que as oportunidades para as mulheres não eram iguais, pois, no caso da Rádio Atlântida “as oportunidades eram raríssimas para a mulher atuar como comunicadora”. Entretanto ele avalia que isso valia para homens e mulheres, pois, o “time” de comunicadores raramente era alterado.

Uma parte das entrevistadas considera que as mulheres no rádio não possuem oportunidades de crescimento profissional. Outras ressaltam que em qualquer lugar é possível que exista crescimento, desde que a profissional almeje isso. PÁZ (2017), primeiramente, considerou que as mulheres têm espaço de crescimento, que o difícil é ingressar na emissora, mas com dedicação e força de vontade pode conseguir oportunidade. Contudo, ao refletir sobre a questão, a jornalista avaliou que são raras as oportunidades de crescimento para a mulher no rádio. A entrevistada não soube dizer o motivo das vozes femininas terem poucas oportunidades. Já para, GOMES (2017) isso é resultado do machismo, pois observa que o rádio ainda é um campo muito machista.

Temos mulheres que fariam trabalho melhor do que alguns homens que estão nas emissoras. Mas também é uma questão histórica e cultural do rádio no Brasil, não só aqui. Para crescer dentro da emissora só se a empresa for de uma rede, para talvez conseguir um programa/reportagem em rede estadual ou nacional (GOMES, 2017).

Além disso, GOMES acredita que o machismo, aliado com questões culturais e históricas, influencia para a voz feminina estar longe do rádio. Também é um fator, segundo ela, que faz com que não existam tantas oportunidades de crescimento para a mulher, dentro das emissoras de rádio. “A administração das redes ou emissoras ainda é predominantemente masculina. A mulher aparece como necessidade de compor uma dupla para apresentação ou pela simpatia no entretenimento” (GOMES, 2017).

CÓLVERO (2017), que ainda está inserida no rádio, afirma que a emissora em que trabalha - a Oeste Capital -, lhe deu a oportunidade de, por exemplo, ter um programa jornalístico, mas ela deveria buscar os patrocinadores do espaço. Naquela ocasião, ela recusou a proposta para cuidar de sua mãe, que estava doente e demandava atenção. Mas, de forma geral, as não se sentiram desvalorizadas no meio radiofônico.

A editoria de esporte dentro das emissoras de rádio, segundo as entrevistadas, também é um campo lucrativo e que geralmente não abre espaço para a mulher. PÁZ (2017) considera que essas vagas, geralmente, são preenchidas por vozes masculinas, que permanecem neste setor por muitos anos. Quando atuou no rádio em Chapecó, PÁZ recebeu um convite para atuar nessa área, mas recusou acreditava não possuir habilidades nessa editoria. A questão da pouca inserção da mulher em editorias de esporte é tema de pesquisa de alguns autores. Entre os estudiosos da temática estão RAMOS e BAUMWORCEL (2016, p.4), as quais observam que no rádio o jornalismo

esportivo “foi um dos gêneros radiofônicos pioneiros a se firmar, ocupando grande parte da programação das emissoras jornalísticas até hoje”. Acrescentam que até a década de 1970 era quase impossível encontrar mulheres comentando sobre esporte, mas observam que essa realidade mudou. Contudo, pontuam que nas redações esportivas a predominância ainda é masculina e que isso é reflexo do pouco interesse da mulher por essa área de atuação. No entanto, respaldam que o público feminino tem buscado se inserir nesse campo também.

Logo, quando as mulheres decidiram que sim, podem falar sobre qualquer assunto, e foram ao campo, ouviram não só dos torcedores, mas também de muitos colegas de profissão que isso jamais daria certo. As jornalistas que se aventuraram ouviram xingamentos, cantadas e passaram por diversas humilhações para conquistarem um espaço. Hoje, menos intimidadas, já começam a mudar o formato do jornalismo esportivo e é possível ver muitas figuras femininas apresentando programas de televisão, participando de bate-bolas esportivos, escrevendo e comentando sobre futebol (RAMOS e BAUMWORCEL, 2016, p.8).

No período que GOMES trabalhou no rádio, ela lembra que havia a intenção de inserir a mulher mais ativamente no rádio, inclusive na editoria de esporte. Porém, não havia efetividade nas intenções. Conforme MATTOS e ZUCULOTO (2017), as mulheres pouco se inserem nessa área. Em Chapecó, nenhuma emissora possui vozes femininas nas equipes de esportes. CÓLVERO, também analisa que são poucas as mulheres que ocupam espaços nas equipes de esportes, sendo que ela mesma, tendo vontade de atuar nessa área, não buscou especialização nem vagas nessa editoria.

Mesmo que CÓLVERO não tenha se dedicado a programações esportivas, nem tenha conquistado um programa jornalístico, como ainda é seu desejo, a comunicadora é a profissional que possui a carreira mais duradoura no rádio chapecoense. São 32 anos na radiodifusão e pelo menos 29 anos foram de atuação em emissoras de Chapecó. Para a entrevistada, o amor pela profissão é o segredo da permanência no rádio. Segundo a radialista, trabalhar no rádio demanda muitos fatores, além da vocação, como disposição e amor pelo que faz. A crítica, no entanto, se dá em relação a algumas mulheres que, na visão dela, pensam apenas em glamour, fama, dinheiro. Para a locutora, o rádio não é isso. “Para trabalhar no rádio hoje tem que ser guerreira” (CÓLVERO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou realizar uma reflexão sobre os fatores que fazem o rádio chapecoense possuir poucas vozes femininas. Historicamente o rádio é um campo considerado masculino e em Chapecó segue atual esta premissa. Nas equipes das cinco emissoras locais o total de homens comunicadores é oito vezes maior do que o número de mulheres - são 42 vozes masculinas contra apenas cinco femininas.

Dados de 2008 apontavam que havia predominância masculina no rádio chapecoense, sendo que naquele período atuavam, na locução de quatro emissoras, sete mulheres e 33 homens. Em comparativo com esses dados percebe-se que, depois de quase 10 anos, não ocorreram melhorias, pelo contrário, houve a diminuição de duas vozes femininas no quadro de comunicadores e cresceu as vagas ocupadas por homens. É importante ressaltar, no entanto, que houve crescimento das editorias de esporte, geralmente espaços terceirizados, composto por homens, pois são poucas as mulheres que ocupam essa área. Tanto que em Chapecó não há nenhuma voz feminina atuando em editorias de esporte.

A realidade local não demonstra ser nada positiva para o público feminino, que têm perdido e deixado de ganhar cada vez mais espaço. O novo índice, de cinco vozes femininas, reflete um número baixíssimo e nada representativo. Simboliza um problema, visto que, se a busca da mulher na sociedade é conquistar espaços igualitários aos homens, no meio radiofônico isso não acontece. Além disso, demonstra que apesar da mulher buscar conquistar seu lugar no rádio, ela não consegue romper está tradição histórica, que tornou este meio um reduto masculino.

Por isso, existe a necessidade de romper alguns fatores que contribuem para a ausência da mulher no rádio, entre eles destacam-se: a questão histórica e cultural que torna o rádio um ambiente predominantemente ocupado por homens; o machismo, que é tão naturalizado que parece invisível, mas que dificulta e desestimula a atuação da mulher neste veículo; a falta de interesse da mulher em atuar nesse meio, desinteresse oriundo de várias problemáticas como estes já citados e também das condições de trabalho que apresentam horários volúveis, piso salarial baixo, falta de oportunidade de ingressar nesse mercado e ausência de possibilidades de crescimento.

A estimativa é que os homens que atuam no rádio têm salários maiores que as mulheres, por desempenharem mais funções ou por possuírem espaços terceirizados. Já as mulheres não conseguem fixar-se em mais de uma função, por dois fatores: poucas

mulheres recebem esta oportunidade e, geralmente, a conquista de mais espaço é condicionada a venda de publicidade. Ou seja, além de desempenhar mais uma função nos microfones, o funcionário está condicionado a buscar anunciantes. Esta medida é adotada pelas emissoras, no intuito de diminuir os gastos e na minha percepção isso não é uma oportunidade, pois não condiz com as funções dos radialistas, tão pouco com a dos jornalistas. O fator financeiro é um grande incentivador da ausência da mulher no rádio, já que muitas deixam o rádio em busca de salários melhores e horários regrados para poder conciliar com a vida familiar.

Um dos setores dentro do rádio, que segundo as entrevistas mais paga, é a editoria de esporte. Em nível nacional, estadual e regional são poucas as vozes femininas que conseguem se inserir neste campo. Apesar de conviver com colegas que demonstravam interesse em atuar no jornalismo esportivo, nas rádios em Chapecó não há nenhuma mulher trabalhando nas equipes de esporte. Este é um campo promissor, que tem ocupado mais horários nas programações das emissoras, e cabem as mulheres, além de se qualificarem, buscarem se inserir e ocuparem esses espaços também.

No entanto, sabemos da luta feminina para conquistar espaços no mercado de trabalho e cabe às mulheres tentar mudar esse panorama atual. Que as mulheres sintam-se preparadas para concorrer às vagas, tendo em vista que são capazes de desempenhar as mesmas funções que os homens. Que as emissoras abram mais espaços para a voz feminina e que as universidades incentivem suas alunas a seguir no rádio, para assim ter mais representatividade feminina no rádio.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A; ROCHA, D. **Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 280 p.

CÓLVERO DOS SANTOS, Divanira. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó-2017.

CORAZZA, Helena. **Questão de gênero: inclusão/exclusão da mulher no complexo midiático**. Texto apresentado no I Simpósio Brasileiro - Gênero e Mídia. Curitiba, Agosto de 2005.

GIONGO, Juliana. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó- em 24 de maio de 2017

GOMES VIEIRA, Elizandra. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó- 25 de maio de 2017

GRAMÁTICO, Dáurea. **Histórias de gente de rádio**. São Paulo: IBRASA, 2003.

HECK, Paulo. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó- 2017

HERMES, Dirceu. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó- 2017

MATTOS, Ediane Teles; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer de. **A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro.** Intercom, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba – PR, 2017.

MUSTAFÁ, Izani. **alô, alô, Joinville! está no ar a rádio difusora! a radiodifusão em joinville/SC** (1941-1961).Disponível em:<<https://tinyurl.com/y7gw3p3d>>. Acesso em 05/05/2017.

NASCIMENTO, Andressa. **Espaço Mulher homenageia Mariângela Iop e mais 13 mulheres.** Disponível em: < <https://tinyurl.com/y9kalwmh> >. Acesso em: 04/05/2017.

PÁZ MENDES, Marciele. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa via email. Chapecó- 29 de maio de 2017

POLETTTO, Milena Luiza, POLETTTO Thays Renata. **Vozes femininas no rádio: relação degênero, locução e audiência.** XXXI Intercom, Natal, RN. 2008.

RAMOS, Juliana Caldeira de Araujo. BAUMWORCEL, Ana. **Tem batom no microfone:A presença feminina no radiojornalismo esportivo brasileiro.** Universidade Federal Fluminense - UFF/Niterói- RJ. 2016

RUTSATZ, Darci. **A presença Feminina no Rádio da Região Norte de Santa Catarina.** Disponível em: < <https://tinyurl.com/y772mhvd> >. Acesso em: 06/05/2016.

RAMOS, Juliana Caldeira de Araujo Lima e BAUMWORCEL, Ana. **Tem batom no microfone: A presença feminina no radiojornalismo esportivo brasileiro.** Disponível em: <https://tinyurl.com/y7bonxzg>. Acesso em: 06/05/2017.

ROSSET, Cristiane. **A voz feminina nas ondas do rádio: a presença das mulheres nas emissoras de rádio de Chapecó.** Chapecó, SC. Unochapecó, 2008.

SCHENEIDER, Marli Tecchio. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó 23 de maio 2017.

SCHUSTER, Aline Josiane; PEDRAZZI, Fernanda Kieling. **Mulheres no rádio: uma investigação sobre a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen.** IX Intercom,Guarapuava, 2008.

TAVARES, Reynaldo C.. **Histórias que o rádio não contou.** 2. ed. São Paulo: HARBRA, 1999.

VOGEL, Claiton. Entrevista concedida a Lidiane Pagliosa. Chapecó- 2017.